
OS PROJECTOS EXECUTADOS PELO ARQUITECTO LUÍS POSSOLO PARA A PROVÍNCIA ULTRAMARINA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE

JOSÉ LUÍS POSSOLO DE SALDANHA
Departamento de Arquitectura e Urbanismo. ISCTE-IUL.
Centro de Investigação *Dinâmia-CET*.
jose.saldanha@iscte.pt

Resumo

A presente comunicação pretende abordar os projetos realizados por Luís Gonzaga Pimentel Pedroso Possolo (Lisboa, 7 de Julho de 1924 - 20 de Abril de 1999) para Moçambique, antes da independência desta nação Africana, quer no exercício particular, em regime de profissão liberal, quer no exercício da função pública, ao serviço do Gabinete de Urbanização do Ultramar (GUU) sediado em Lisboa.

Na qualidade de arquiteto do GUU e bolsheiro do Estado Português, frequentou o curso de especialização em Arquitetura Tropical na «Architectural Association» de Londres, na respetiva edição inaugural de 1954/55. Findo o curso, foi reincorporado no GUU, onde colaborou em diversos projetos de que foi autor, ou co-autor, para Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, São Tomé & Príncipe, Pangim (Goa) e Moçambique, tendo projetado para esta última:

- O mercado para Quelimane, executado e ainda em uso;
- Uma proposta para a nova Igreja Paroquial, juntamente com uma Residência Paroquial anexa, a localizar na Polana, Maputo (então Lourenço Marques). Nenhuma das duas foi construída, sendo a Igreja hoje existente na Polana, realizada de acordo com projeto totalmente diverso, da autoria do arquiteto Nuno Craveiro Lopes.
- Um projeto para uma «Estação Rádio-Naval», consistindo de um agrupamento de edifícios isolados, que foram executados em Maputo e Luanda – cada qual implantado de acordo com as características locais.

Estes projetos foram levantados no âmbito do Projeto de Investigação denominado «Os Gabinetes Coloniais de Urbanização. Cultura e Prática Arquitetónica», patrocinado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Refª PTDC/AURAI/104964/2008) que tem por parceiros o Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), o Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU) e o ISCTE-IUL, em cujo âmbito o autor da presente comunicação foi responsável direto pelo tratamento do material relativo a Luís Possolo, localizado no AHU e noutras reservas documentais, tendo do mesmo já resultado:

- uma monografia denominada «*Luís Possolo. Um Arquiteto do Gabinete de Urbanização do Ultramar*», editada pelo Centro de Investigação em Arquitetura e Áreas Metropolitanas (CIAAM);
- uma exposição homónima (aberta ao público entre 21 de Março e 13 de Abril de 2012);
- um conjunto de conferências no ISCTE-IUL (21 e 22 de Março de 2012);
- uma sessão pública de visionamento de diapositivos relativos a Moçambique, datados de meados dos anos '60, da autoria de Luís Possolo, e comentada pelo Arquiteto Pancho Guedes, que decorreu no Forte de Sacavém (SIPA/IHRU) a 16 de Março de 2011, sob o nome «*As Áfricas de Possolo*».

No começo de 1961, Luís Possolo transitou, na Função Pública, para a Agência Geral do Ultramar, mas a sua breve – embora auspiciosa – carreira no GUU, aliada ao curso feito na AA, irá oferecer ao jovem arquiteto a oportunidade de se associar, como projetista em regime liberal, a um par de assinaláveis investimentos portugueses nos territórios ultramarinos: a barragem de Cambambe, no Rio Cuanza (Angola) e a Fábrica de Cimentos de Nacala – obra arquitetónica notável, que irá ser igualmente abordada na presente comunicação.

Palavras-chave: Arquitectura tropical, arquitectura em Moçambique, arquitectura Moderna, Arquitecto Luís Possolo

*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho - que se enquadra no âmbito do projecto de investigação coordenado por Ana Vaz Milheiro e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia denominado “Os Gabinetes Coloniais de Urbanização. Cultura e Prática Arquitectónica” (referência FCT: PTDC/AURAQI/104964/2008), que reuniu o ISCTE-IUL, o Arquivo Histórico Ultramarino e o Sistema de Informação Para o Património Arquitectónico (SIPA) do IHRU, para tratar, em campos diversificados da sua actuação, o historial e a produção daqueles serviços do Ministério das Colónias - resulta concretamente do estudo e tratamento do espólio pessoal do arquitecto Luís Possolo, com especial ênfase para os projectos que produziu privadamente para o «Ultramar Africano», assim como da sua actividade de projectista na função pública.

A documentação particular de Possolo é *relativamente* escassa no que toca à prática projectual no regime privado (sem duvida em virtude do descarte de material por ocasião do encerramento do «atelier» de Arquitectura que Possolo possuiu), mas suficientemente rica em termos documentais de índole variada (diplomas escolares, correspondência, fotografias, relatórios de actividades, etc.). Evidencia-se particularmente uma colecção de largas centenas de excelentes diapositivos da propriedade (e provavelmente na sua larga maioria da autoria) do arquitecto, cobrindo todas as províncias ultramarinas portuguesas, com excepção da Índia. Este conjunto foi digitalizado e tratado no Forte de Sacavém-Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA) do IHRU, onde se encontra actualmente depositado.

Em compensação, os projectos produzidos por Possolo na Função Pública, no rebaptizado Gabinete de Urbanização do Ultramar-GUU (integrado após 1957 na *Direcção de Serviços de Urbanização e Habitação da Direcção Geral de Obras Públicas e Comunicações* do Ministério do Ultramar) encontram-se na sua maior parte muito completos no Arquivo Histórico Ultramarino - a que se soma uma quantidade menor de material arquivístico no Centro de Documentação do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD).

Possolo frequentara no começo das suas funções públicas, durante o ano lectivo de 1954-55, a *edição inaugural* do curso em Arquitectura Tropical lançado na *Architectural Association* de Londres, sob direcção do conhecido arquitecto britânico Maxwell Fry. A documentação relacionada com esta experiência formativa acha-se bastante completa na documentação privada que tratamos, constituindo informação interessante até mesmo no plano internacional, dada a importância que aquele curso teve na especialização *global* da prática projectual da Arquitectura para as regiões tropicais.

Este conjunto de circunstâncias sugeriu ao grupo de Investigação entretanto constituído pela Investigadora Responsável Ana Vaz Milheiro - com o conhecimento adquirido do levantamento arquivístico no AHU em

curso - que a obra de Possolo evidenciava uma qualidade assinalável dentro do contexto e prática correntes nos Serviços do GUU, pelo que reunia as melhores condições para se constituir como *caso-de-estudo*, enquanto técnico do Gabinete. Nesse sentido, o estudo sobre Possolo deu origem a uma exposição patente ao público no ISCTE-IUL entre 21 de Março e 13 de Abril de 2012, acompanhada da produção de um livro editado pelo Centro de Investigação em Arquitectura e Áreas Metropolitanas (CIAAM) sediado naquela instituição de ensino superior, ambos designados: *Luís Possolo. Um arquitecto dos Gabinete de Urbanização do Ultramar*. A estas, somaram-se ainda dois dias de conferências, igualmente no ISCTE, a 21 e 22 de Março de 2012, com comunicações de diversos especialistas, subordinadas à temática geral da Investigação.



Fig. 1 - Luís Possolo (segundo a contar da esquerda) com o industrial António Champalimaud (do lado direito da imagem).
Fotografia possivelmente tomada no aeroporto da Beira em 1963

A presente comunicação tem deste modo origem num enquadramento mais amplo, tanto no que se refere à produção arquitectónica de Luís Possolo, como no âmbito temático desse Projecto de Investigação. Assim mesmo, os projectos que Possolo efectuou para Moçambique, tanto no desempenho das suas funções públicas como em resposta à encomenda privada, pareceram suficientemente relevantes no seu conjunto para merecerem abordagem e difusão em registo isolado – sendo ainda de salientar que se tratou não somente da Província Ultramarina para a qual produziu mais projectos no âmbito do GUU, como ainda aquela onde se situa a mais notável obra da sua carreira, e que é também a maior e mais qualificada: a Fábrica de Cimentos de Nacala, que Possolo realiza a título particular, em resposta a encomenda do industrial António Champalimaud.

2. FORMAÇÃO ESPECIALIZADA EM ARQUITECTURA TROPICAL. PROJECTOS PARA MOÇAMBIQUE NO GABINETE DE URBANIZAÇÃO DO ULTRAMAR

Luís Gonzaga Pimentel Pedroso Possolo (Lisboa, 7 de Julho de 1924 - 20 de Abril de 1999) concluiu o Curso Superior de Arquitectura na Escola de Belas-Artes de Lisboa com a classificação de 18 valores nas provas do seu Diploma de Arquitecto, conferido em 6 de Agosto de 1953, de acordo com certidão dessa instituição constante do espólio pessoal do arquiteto, passada em Lisboa com a data de 23 de Janeiro de 1957. Ainda antes da conclusão do curso de Arquitectura, Possolo já havia tido experiências de estágio na Alemanha, França e Holanda, entre 1950 e 1952, conforme se pode consultar na já mencionada monografia sobre a vida profissional do arquiteto.

A entrada de Luís Possolo em 1954 nos quadros do Gabinete de Urbanização do Ultramar (GUU) parece ter coincidido com o seu envio, na qualidade de bolseiro do Estado Português, para frequência da primeira edição, de 1954/55, do Curso de Especialização em Arquitectura Tropical lançado pela *Architectural Association* de Londres, sob direção do conhecido arquiteto britânico Maxwell Fry e sua mulher, a arquiteta Jane Drew. Esta circunstância é relevante, na medida em que demonstra como o GUU acompanhava as iniciativas mais inovadoras que se começavam a desenvolver internacionalmente na especialização do projecto e obra para os trópicos - e que eventualmente a contratação de Possolo teria precisamente ocorrido com o propósito de o fazer cursar essa inovadora ação de formação na AA. De resto, nos registos do Gabinete não foi levantada qualquer referência a atividade projetual com a sua participação anteriormente a 1955.

No curso frequentado em Londres, onde de acordo com o relatório que produz relativo à sua estadia em Londres teve por companheiros “*arquitectos das Filipinas, Perú, Nigéria, África do Sul, Kenia, Índia, Indochina, China e Nepal*” (SALDANHA, 2012: 182-183), Possolo desenvolve quatro projetos em conformidade com programas arquitetónicos e contextos territoriais e climáticos determinados. De acordo com palavras suas, patentes na edição que citamos, é convidado a fazer um discurso relativo à edição inaugural do curso, por ocasião da respetiva entrega final de diplomas. Nessa ocasião, são apresentados no salão de exposições da AA os sete melhores projetos produzidos pela classe de 30 arquitetos, sendo Possolo o único aluno a merecer a exposição de ter dois trabalhos: um mercado para Onytscha (Nigéria) e um Centro de Saúde para o Iraque, cujos relatórios de avaliação da autoria de Fry, Drew e J. McKay Spence chegaram às nossas mãos, com as letras «STORE» dactilografadas na cor encarnada, o que sugeria que, como era prática usual naquela conhecida instituição de ensino londrina, ficassem em arquivo, para memória futura. Contactos com a arquivística da AA não permitiram infelizmente localizá-los em depósito nessa famosa escola de Arquitectura.

Regressado a Portugal, Possolo irá então desenvolver no GUU um conjunto de projetos para variadas províncias ultramarinas: projetos-tipo de habitações de fim-de-semana para Praia da Varela (proc^{os} GUU 483 a 486), na Guiné-Bissau, e um quiosque-esplanada para a capital desse país; a Capitania do Porto do Lobito (proc^{os} 423A e 423A'), a Escola Comercial e Industrial para a mesma cidade (proc^o 482-A), e ainda a Escola Industrial de Moçâmedes, mais tarde batizada *Infante D. Henrique* (proc^o 532), em co-autoria com Lucínio Cruz e Fernando Schiappa de Campos - todas em Angola; um projeto-tipo para uma paragem de autocarros para São-Tomé & Príncipe (proc^o 500); uma pousada para Assumada, Vila de Santa Catarina, na Ilha de Santiago, em Cabo Verde (proc^o 632) – além de algumas colaborações menores em outros projetos em curso no Gabinete. Deste conjunto, deve assinalar-se que apenas a Escola de Moçâmedes (atual Namibe) foi edificada, e somente de modo parcial, no longo corpo que se dispõe frontalmente à ampla artéria que lhe passa diante.

Para Moçambique, projeta um conjunto maior de edifícios do que para as outras províncias do Ultramar Português, caracterizando-se cada qual por aspetos peculiares. Por outro lado, e contrariamente ao que sucede no resto dos territórios ultramarinos de língua portuguesa, no caso moçambicano a maior parte dos seus edifícios são executados.

O mercado de Quelimane, construído e ainda em uso, aparentando um razoável estado de conservação, recebeu o número de ordem 515 no GUU. Infelizmente, no AHU acha-se em falta o processo completo de Arquitectura, estando arquivados somente os volumes relativos aos projectos de especialidades (caixa 59 AHU-DGOPC/DSUH), que ainda assim nos foram essenciais, com especial relevo para as plantas da estabilidade do imóvel, para a localização do edifício no *Google Earth*. Trata-se de uma parcela de gaveto, na esquina da Avenida dos Heróis da Liberdade com a Avenida 25 de Junho, com dois braços no alinhamento da via pública formando um «L», numa arquitectura moderna e funcional, dotada de expressão plástica mais particular, que descobrimos em fotografias recentes. Aparentemente, tratar-se-á ainda hoje de um dos principais centros de comércio, animação e encontro na cidade



Fig. 2 - Mercado de Quelimane. Excerto de imagem acedida em: <http://tempocaminhado.blogspot.pt/2012/09/desde-cabo-delegado-ate-maputo.html>

Já para a capital moçambicana, Possolo vê-se envolvido entre 1957 e 1959 como projetista no atribulado processo gémeo 559-A e 559-B, ambos arquivados na Caixa 15 AHU-DGOPC/DSUH. Estes correspondem a um pedido da Procuradoria das Missões Franciscanas ao Ministério do Ultramar, que pretendia edificar uma nova Igreja Paroquial no Parque José Cabral (proc^o 559-A), na Polana, para o qual havia já obtido o terreno junto da edilidade - ao qual se iria somar o da residência paroquial anexa (proc^o 559-B), que entretanto as Missões haviam solicitado também.

O Gabinete distribui o processo a Possolo, que desenvolve para a Igreja um templo de três naves, com as laterais bastante estreitas e pé direito reduzido, com três capelas adossadas cada qual, numa proposta não isenta de méritos.

Com o avanço do tempo o GUU vai-se inteirando porém, com justa surpresa e indignação, que à sua revelia os padres franciscanos haviam, algures no processo, resolvido de «moto próprio» alterar a localização da igreja, bem assim como o projetista - tendo oferecido a obra ao arquiteto Nuno Craveiro Lopes (1921-1972), filho do General Francisco Higinio Craveiro Lopes, que havia recentemente sido Presidente da República Portuguesa, entre 1951 e 1958.

O caso deu escândalo - mas deu também para a posteridade a bela Igreja da Polana que hoje pode ser vista em Maputo, seguramente muito mais interessante do que aquela que projetou Possolo. Sendo justo em todo o caso admitir que ainda que este pudesse não reunir os méritos técnicos e artísticos para igualar o desenho

de Craveiro Lopes, certamente não teria tido oportunidade de os colocar ao serviço do Gabinete, para o qual a proposta de planta central da autoria do filho do ex-Presidente teria parecido demasiado remota dos preceitos usuais do GUU, em particular para o programa arquitetónico em questão. Resulta de toda a forma interessante neste contexto consultar Ana Vaz Milheiro (2012: 130) e as considerações que se tecem quanto à fonte inspiradora de Craveiro Lopes para o templo que efetivamente se executa, que seria diretamente inspirado na Igreja projetada pela dupla de arquitetos franceses Michel Andrault e Pierre Parat para o *Santuario della Madonna delle Lacrime*, em Siracusa, no âmbito de concurso realizado em 1957.

Naturalmente, o projeto da Residência Paroquial da autoria de Possolo também não foi assim construído, posto que se propunha em anexo à Igreja para a localização originalmente prevista. É contudo de assinalar que o desenho de Possolo para a Residência parece mais claro, sóbrio e elegante do que a Igreja, numa bem controlada métrica de quadrilátero com dois pisos em torno de um pátio, em clara alusão à tradição claustral da arquitectura monástica.

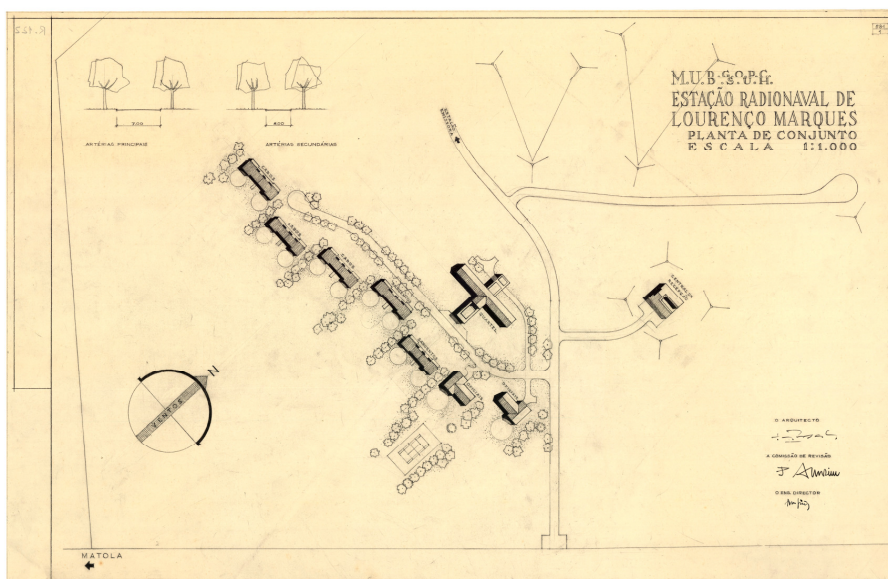


Fig. 3 - Estação Rádio-Naval de Lourenço Marques (central de recepção e conjunto envolvente). Planta de Conjunto. Desenho 581/1. Procº 581. Caixa 82 - Moçambique – AHU-DGOPC/DSUH

O ano de 1959 levará Possolo ao desenvolvimento do processo 581 do Gabinete de Urbanização do Ultramar: o projeto para uma «Estação Rádio-Naval», consistindo de um agrupamento de edifícios isolados, que foram executados tanto em Maputo como em Luanda – cada qual implantado de acordo com as características concretas do local.

O projeto para a estação Rádio-Naval possui várias características singulares. Desde logo, o facto de o mesmo conjunto se ter executado em ambas as capitais das duas nações de língua oficial portuguesa, em lados opostos do continente africano, certamente no desconhecimento mútuo da existência de um «gémeo» debruçado sobre um outro oceano. Ambos se acham repartidos em dois núcleos edificadas: o da *estação emissora*, em amplo terreno ocupado com elaborados sistemas de antenas; e a quase dois quilómetros de distância o complexo da *estação receptora*, que além do edifício com funções técnicas inclui: duas habitações isoladas para oficiais; dois edifícios térreos, para quatro habitações geminadas para sargentos; três construções para os cabos (idênticas àquelas dos sargentos), incorporando seis habitações geminadas; e um curioso bloco cruciforme, único edifício com dois pisos, que se destinava a alojamento dos soldados. O conjunto de Luanda foi acrescentado com um edifício para a central eléctrica.



Fig. 4 - Fotografia aérea orientada no sentido nascente-poente da Estação Rádio-Naval de Lourenço Marques (central de recepção e conjunto envolvente). Obra executada. Fonte: Google-earth

Para além da proposta esboçada para cada edifício habitacional, há que assinalar especialmente o bloco cruciforme para *aquartelamento para europeus e indígenas* (expressão patente no projecto), com dois pisos.

A planta deve-se em parte à distribuição simétrica dos soldados, pois há um regime de segregação que duplica os espaços sociais e de dormida. O «apartheid» pode parcialmente desculpar-se com o facto de que os espaços para «europeus» e para «indígenas» são rigorosamente idênticos. [...] Não somente a planta resolve com elegante articulação o programa arquitectónico do edifício, como o mesmo apresenta soluções que aliam de modo feliz os sistemas construtivos e soluções mais ligeiras, próprias da arquitectura tropical, a um tratamento

inequivocamente «moderno» e a uma alusão ao formalismo da arquitectura «colonial», com cobertura em telha a duas águas e galerias periféricas de distribuição. (SALDANHA, 2012: 71-2).

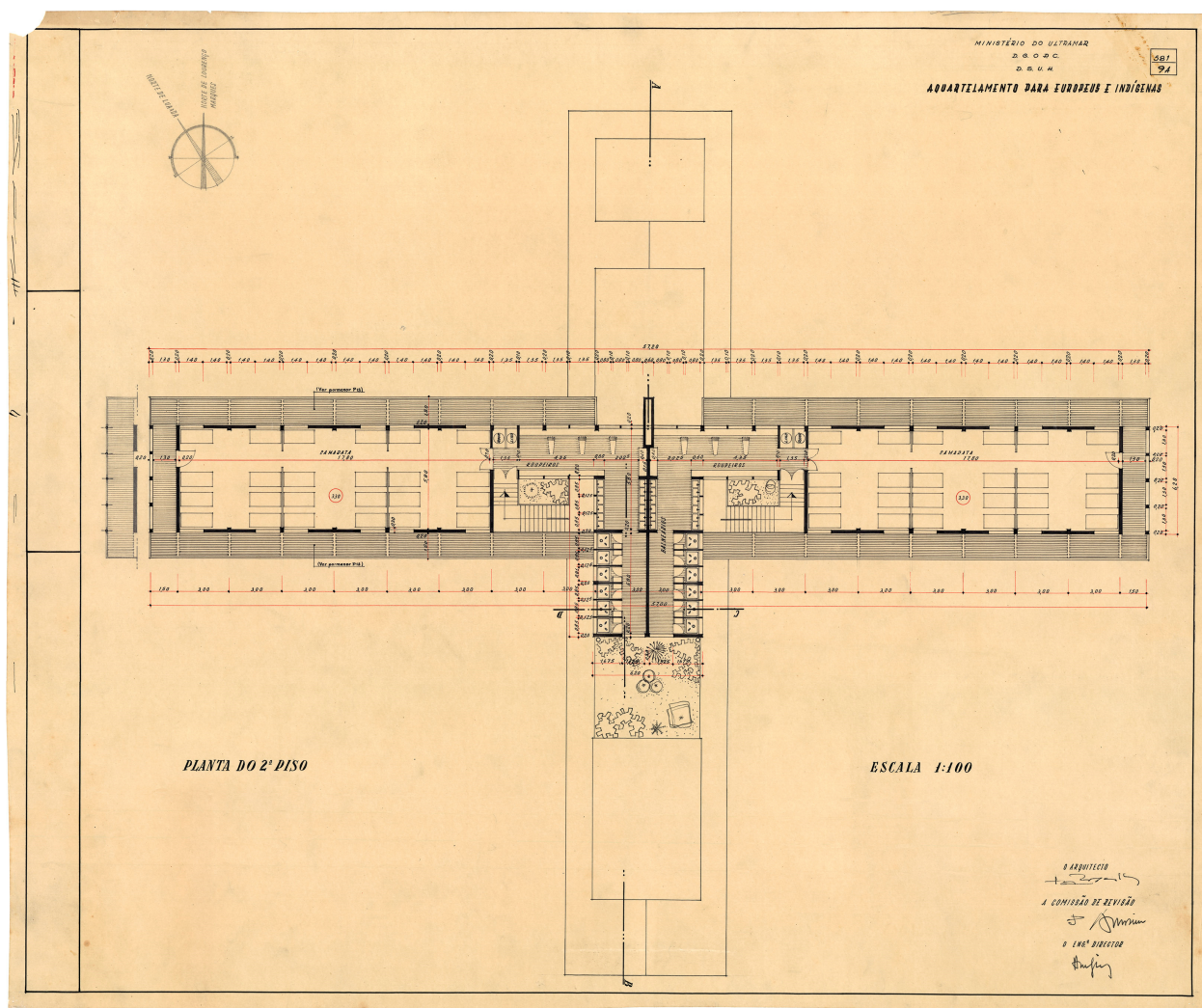


Fig. 5 - Estação Rádio-Naval. Procº 581. Rolo 122 - Moçambique – AHU-DGOPC/DSUH. Desenho 581/9A. Lápis sobre papel vegetal. *Aquartelamento para Europeus e Indígenas – Planta do 2º Piso.*

Neste aspecto, cumpre com a recomendação que George Anthony Atkinson¹ formaliza na sua contribuição para as Actas da Conferência sobre Arquitectura Tropical que teve lugar em Londres em 1953: *“as open as possible and one room thick so as to ensure through ventilation”* (ATKINSON, 1954: 44).

1 O arquitecto George Anthony Atkinson, que era funcionário do *Building Research Station* de Garston (o mais antigo laboratório de construção do Mundo) viria a fazer parte da Comissão que na AA estudou em 1953 a abertura de um Departamento em Estudos Tropicais, o qual eventualmente deu origem ao curso que Possolo frequentou. Cf. SPENCE, J. McKay, 1955: 56-61.

Na verdade, através do que expõe na memória descritiva do projecto, as questões de índole climática acham-se no cerne do processo projectual das duas Estações. Assim, podemos ler nesse documento:

A orientação do bairro em Luanda e visto que era impossível conciliar a melhor orientação em relação ao Sol – Norte-Sul – com a melhor em relação às brisas frescas e melhor vista – Sudoeste-Nordeste resolveu-se fazê-lo perpendicularmente à bissetriz do ângulo formado pelas duas – isto para o caso de Luanda, pois em Lourenço Marques conseguimos a menor exposição ao Sol e a maior às brisas – ou seja, construímos perpendicularmente à linha Norte-Sul.

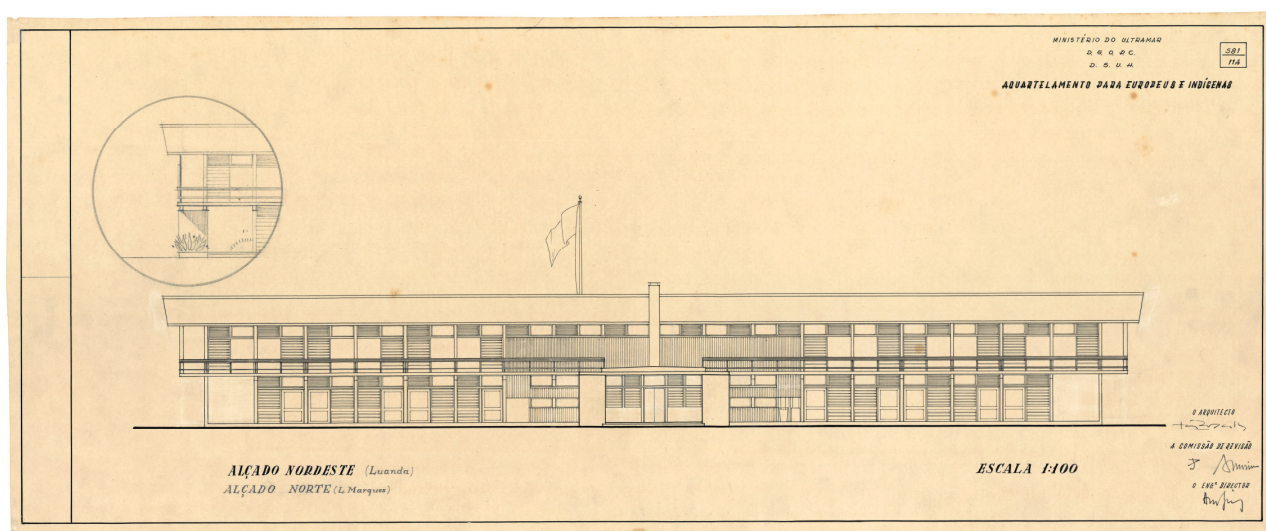


Fig. 6 - Estação Rádio-Naval. Procº 581. Rolo 122 - Moçambique – AHU-DGOPC/DSUH. Desenho 581/11A. Lápis sobre papel vegetal. *Aquartelamento para Europeus e Indígenas* – Alçado Nordeste (Luanda)/Alçado Norte (L.Marques).

Este tipo de considerações surge alinhada com a formação recebida no curso da AA que, sobretudo na fase inicial sob direcção de Maxwell Fry, se filiava ainda na prática moderna internacional que este conhecido arquitecto britânico - que foi um dos fundadores do “ramo” britânico do CIAM denominado MARS Group (Modern Architectural Research Group) - perfilhou durante toda a sua vida profissional. Assim, sob Fry as preocupações residiam essencialmente nos aspectos construtivos e climáticos, sendo de notar, porém, que com o avançar das suas edições, e nomeadamente sob direcção do arquitecto alemão Otto Koenigsberger (que substituiu Fry na direcção do Departamento de Arquitectura Tropical da AA em 1957), a orientação do curso em Arquitectura Tropical irá reduzir o ênfase nas questões técnicas e reforçar o peso social do projecto, com as problemáticas da habitação e do desenvolvimento a conquistarem mais atenção (LE ROUX, 2003: 352), a par da “mudança epistemológica, a chamada ‘viragem antropológica’” (VON OSTERN, KARAKAYALI e AVERMAETE, 10, tradução nossa) que ocorre no «mundo ocidental» na mudança da década de '50 para '60, e que na Arquitectura tem como momento marcante o derradeiro CIAM, em 1959.

A partir de desenhos de localização, com persistência e afinco, foi-nos possível localizar em Luanda a Estação Emissora, cujo amplo terreno envolvente se acha ainda desocupado. Ignoramos se ainda cumprirá com a

função para que se realizou. Já o grupo que rodeia a Estação Receptora, ainda no que se refere à capital angolana, viu o seu perímetro violado e ocupado de todo o tipo de construções de aparência informal e, embora se conserve a totalidade dos edifícios originalmente planeados, com excepção da central eléctrica (que pode ter sido demolida, ou simplesmente nunca se chegou a construir), uma parte deles aparenta achar-se degradada, e certamente deixaram de cumprir com os seus propósitos originais.

No que se refere ao grupo de Lourenço Marques (atual Maputo), pudemos inicialmente localizar o terreno com a Estação Emissora e respectivas antenas, mas foi graças aos esforços de alguns alunos do mestrado integrado em Arquitectura do ISCTE-IUL que se situou a Estação Receptora, com o grupo habitacional que a envolve, que chegamos a admitir não tivesse sido construída. A sua detecção foi ainda agravada pelo facto de que a disposição dos edifícios apresentada no projecto foi alterada no terreno, provavelmente por iniciativa local, tendo-se abandonado a disposição mais animada preconizada por Possolo em favor de uma organização mais rígida e «militar». Esta alteração da disposição do agrupamento edificado da Estação Receptora não deixa de constituir uma curiosidade suplementar, na medida em que é justamente em Lourenço Marques que Luís Possolo se congratula por ter conseguido uma implantação e orientação mais favorável, sendo irónico que em Luanda, cuja solução afirma ser de compromisso, o seu desenho é cumprido a rigor.

É de notar que ambos os núcleos (de receção e de emissão), no caso moçambicano, sugerem um estado de conservação muito melhor que o dos seus similares em Luanda, não sendo de rejeitar a possibilidade de que a infra-estrutura em Moçambique se ache ainda em actividade.

O desempenho de Possolo na elaboração deste duplo-projecto parece ter-lhe valido referências elogiosas no Ministério do Ultramar. Entre os papéis que constam do seu espólio, conta-se um curioso fragmento manuscrito sobre papel que parece ser uma cópia informal, de interesse pessoal, de uma correspondência oficial (não esqueçamos que a fotocopiadora Xerox só foi introduzida no mercado em 1959...):

Presidência do Conselho. Secretariado-Geral da Defesa Nacional.

Para conhecimento.

Chefe de Estado Maior da Armada.

Assunto: Estações Principais de Luanda e Lourenço Marques

... manifesta a sua muita apreciação...

O Ministério da Marinha solicita igualmente que manifeste a V. Ex^a os seus agradecimentos pelo magnífico trabalho produzido e pela forma brilhante como os distintos técnicos do vosso Departamento e em especial o Sr. Arquitecto Luiz Possolo, souberam resolver os delicados problemas que lhes foram postos.

... pedem sugestões “mobiliário” dos edifícios... para permitir que o conjunto harmónico das Estações não venha a ser alterado por um mobiliário impróprio ou menos adequado.

3. A FÁBRICA DE CIMENTOS DE NACALA

Fernando Schiappa de Campos (nascido em 1926), em entrevista com Ana Vaz Milheiro, recorda a passagem de Possolo pelo Gabinete como sendo bastante fugaz – no que a distância temporal transcorrida até aos dias de hoje poderá ter tido alguma influência, uma vez que Possolo esteve afinal nos quadros do GUU entre a segunda metade de 1954 (com regresso de Londres no fim do Inverno de 1955) e o começo de 1961 – portanto, durante seis anos. Certo é que Possolo terá permanecido no Gabinete por um período temporal inferior ao da maioria dos colegas.



Fig. 6 - Fábrica de Cimentos de Nacala. Diapositivo: Espólio Luís Possolo em depósito no Forte de Sacavém – SIPA [1963?]



Fig. 7 - Fábrica de Cimentos de Nacala. Diapositivo: Espólio Luís Possolo em depósito no Forte de Sacavém – SIPA [1963?]

De fato, no começo de 1961, Luís Possolo transitou na Função Pública do Gabinete de Urbanização do Ultramar para a Agência Geral do Ultramar, mas a sua breve – embora auspiciosa – carreira no GUU, irá oferecer ao jovem arquiteto a oportunidade de se associar também, como projetista em regime liberal, a um par de assinaláveis investimentos portugueses nos territórios ultramarinos: um conjunto de edifícios (pousada para a administração, centro social; cinema; bar, jardim infantil, piscinas c/balneários) de apoio à barragem de Cambambe, nas margens do Rio Cuanza, em Angola (a que se acrescentará depois o Restaurante/Clube de Praia «Barracuda», construído na Ilha de Luanda), mas sobretudo a Fábrica de Cimentos de Nacala, que Possolo projeta desde Lisboa, por encomenda do industrial português António Champalimaud, e que só visitou alguns anos volvidos, provavelmente em Outubro de 1963 (de acordo com os seus passaportes), com a infra-estrutura já em laboração.

O grande industrial do cimento encomenda a Luís Possolo, de golpe, todo o conjunto fabril de Nacala, para a sua «Companhia dos Cimentos de Moçambique», sendo o arquitecto ainda jovem. Para tamanha encomenda, terá contado evidentemente a sua especialização em arquitectura tropical, recentemente concluída em Londres – mas provavelmente também o modo intuitivo e abrupto que caracterizavam as decisões de António Champalimaud.

Os elementos fotografados revelam uma arquitectura onde consegue aliar a robustez da construção industrial e inequivocamente moderna, com um desenho minuciosamente detalhado, em que recorre com critério aos ensinamentos do curso frequentado em Londres. (SALDANHA, 128).

O Professor Adriano Moreira, que foi Subsecretário de Estado da Administração Ultramarina entre 1960 e 1961 e Ministro do Ultramar entre 1961 e 1963, relatou-nos o conjunto de ocorrências, que de resto narra em *A Espuma do Tempo - Memórias do Tempo de Vésperas* (MOREIRA, 2009: 120-2), que no seu entendimento levaram à concretização da Fábrica de Nacala. Nomeadamente, uma audiência que concede em 1961 a Champalimaud, na qual o industrial reclama da falta de colaboração do Governador-Geral de Moçambique, Almirante Sarmiento Rodrigues, relativamente à obtenção de sucatas na África do Sul para alimentar as suas fundições naquela província ultramarina portuguesa.

Nesse mesmo encontro, Adriano Moreira expõe a Champalimaud que a região norte do território moçambicano se achava fortemente carenciada de cimentos (nomeadamente as obras de modernização do Porto de Nacala) e que, no caso de o industrial se prontificar a construir uma unidade industrial para a respetiva produção, sem dúvida que o Governo-Geral ficaria mais recetivo a licenciar as importações da matéria-prima de que a indústria siderúrgica de Champalimaud tão carenciada estaria. No momento, e com um aperto de mãos, Champalimaud compromete-se a executar a infra-estrutura de produção de cimento, que alguns anos volvidos, por ocasião do II Congresso das Comunidades de Cultura Portuguesa (em 1966), que ocorre em itinerância a bordo do navio de passageiros *Infante D. Henrique*, convida Adriano Moreira a visitar.

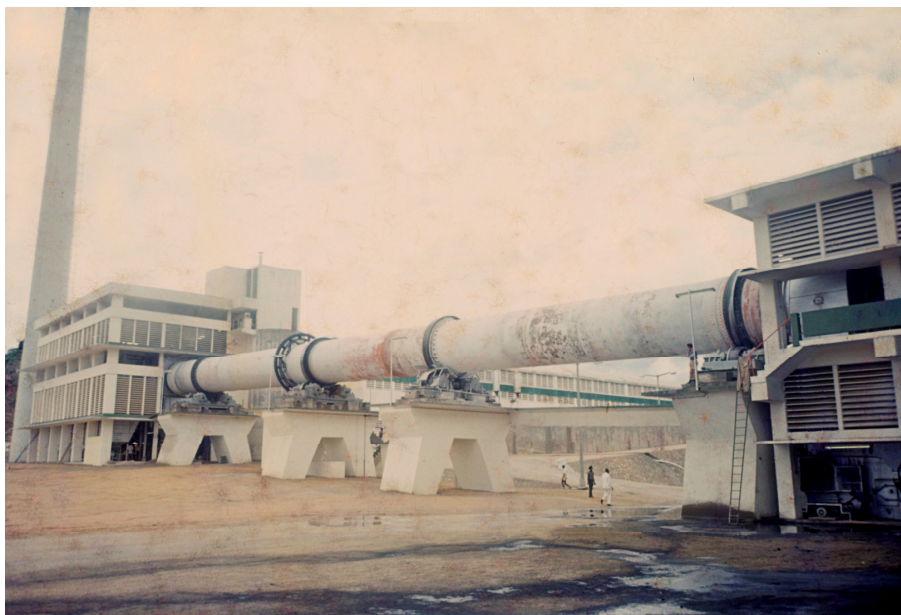


Fig. 8 - Fábrica de Cimentos de Nacala. Diapositivo: Espólio Luís Possolo em depósito no Forte de Sacavém – SIPA [1963?].

Todavia, e com o respeitável intervalo temporal de mais de meio-século, os nossos dados indicam que a obra de construção da Fábrica de Nacala ocorreu entre 1960 e 1963. Um curriculum não-datado de Possolo, mas no qual consta com a idade de 35 anos, e que portanto terá sido elaborado entre o 2º semestre de 1959 e o 1º semestre de 1960, menciona já, de entre os projectos por si realizados, a fábrica de Cimentos de Nacala, detalhada com minúcia:

Fábrica de Cimentos de Nacala

- a) Portaria
- b) Balneários;
- c) Centro de Saúde;
- d) Refeitório;
- e) Escritórios, laboratórios, gabinetes de estudos e administração;
- f) Oficinas gerais e central eléctrica;
- g) Carpintarias
- h) Homogeneização;
- i) Forno;
- j) Silos;
- k) Hangar e tremonhas;
- l) Ensacagem;

Consequentemente, o relato de Adriano Moreira não parece corresponder à sucessão plausível de eventos, na medida em que Sarmiento Rodrigues somente assumirá o cargo de Governador-Geral de Moçambique em 1961 (que ocupará até 1964), e que a obra já teria sido encomendada por Champalimaud a Luís Possolo,

possivelmente em 1959, e se achava em curso na ocasião em que o industrial se encontra com Adriano Moreira.



Fig. 9 - Vista desde o mar sobre a Fábrica de Cimentos de Nacala (excerto). Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino. AHU_17065.

Arriscamos uma hipótese: ter-se-ia Champalimaud comprometido a ter a fábrica pronta e em produção a tempo de fornecer o necessário cimento para a modernização do porto de Nacala, e que a visita de Adriano Moreira em 1966 serviu para lhe mostrar a fábrica já concluída, em plena laboração, e o porto beneficiado pela sua produção?! Ter-se-ia prontificado a fornecer o cimento devido, a preços especiais, logo que a fábrica estivesse concluída?!

CONCLUSÕES

Os projetos elaborados por Luís Possolo no GUU, sobretudo quando não são produzidos em co-autoria, mostram uma abordagem inovadora, incorporando estratégias de projecto e obra alinhadas com o aprendizado do curso londrino. Com isto, Possolo promove ruturas com a *praxis* usual no Gabinete de Urbanização do Ultramar, tendencialmente mais formalista, rígida, simetrizante e monumental. Assinale-se, a título de exemplo, que Possolo produz um projeto para a Escola Comercial e Industrial do Lobito (proc^o 482-A), com memória descritiva datada de 11 de Outubro de 1960, quando os Gabinetes estavam já na posse de uma proposta completa (proc^o 482), da autoria de Fernando Schiappa de Campos e Lucínio Cruz, datado de Junho de 1958. A proposta de Schiappa e Lucínio, no registo formal mais usual no GUU, vê-se assim em compita, de um modo inusual neste Serviço, com uma solução *variante*, para o mesmo terreno e

propósitos, “numa peça bem mais arrojada e interessante que a versão anterior, num ensaio onde Possolo reúne de modo feliz o paradigma moderno com os recursos da *arquitectura tropical*” (SALDANHA, 2012: p.60).

O par de propostas para a Escola do Lobito é comentada por Ana Vaz Milheiro (2012, p.406), que de modo oportuno faz notar:

A primeira indicação dessa diferença é muito subtil e ocorre na designação das peças desenhadas. O projecto da dupla Schiappa/Cruz segue ainda as designações convencionais na identificação dos quatro alçados: principal, posterior, lateral direito e lateral esquerdo. Os desenhos de Possolo recusam qualquer hierarquização, assinalando as fachadas a partir dos pontos cardeais: norte, sul, nascente e poente.

Será legítimo reconhecer nessa “*diferença muito subtil*” um posicionamento mais abstracto e “moderno”, o que de resto a expressão arquitectónica da proposta confirma. Também poderemos especular que a identificação cardeal dos alçados se inscreve nas preocupações de tipo climático, como já exprimimos relativamente ao conjunto das Estações Rádio-Navais. Em todo o caso, nenhum dos projetos para o Lobito chegou a ser construído, mas fica a dúvida: teria a presença de Possolo e os seus projetos no Gabinete levado a uma mudança de mentalidades no que se refere à forma e expressão dos projetos que lá se produziam?! Que as soluções anteriormente preconizadas se viram alteradas por novos preceitos?! Que as formulações que anteriormente se tomavam por satisfatórias deixaram de servir?!

Estudados os processos em que se vê envolvido, arriscamos admitir que a sua passagem pelo GUU, que encerra no começo de 1961 (quando transita para a Agência Geral do Ultramar) lhe deve ter causado alguns dissabores no confronto com o *status quo* do Serviço – especulação que se pode retirar dos pareceres que alguns superiores aplicam aos projectos de que é autor no âmbito das suas funções públicas: para a sua proposta para a Capitânia do Lobito; para o Quiosque-Esplanada em Bissau; ou ainda para a Estação Rádio-Naval, sobre a qual Armando Girão escreve, em registo pouco habitual num processo oficial:

Estamos na presença dum trabalho que agrada pelo menos ao seu Autor – como é óbvio – e à Revisão. Mais modesta a nossa opinião, que o trabalho também é simples, limitar-nos-emos à convicção de que estes projectos arquitectónicos satisfarão bem se a construção for cuidada e acompanhada como merece.

Assim, com a sua transferência para a Agência-Geral do Ultramar, onde terá encontrado ocupações mais livres de hierarquias - além de um conjunto de regalias agregadas à condição de Chefe de Repartição dos *Serviços de Informação e Relações Exteriores* e da Secção dos *Serviços Técnicos* que então terá assumido - Possolo irá cessar as suas tarefas de projeto de Arquitectura para o Estado no Ultramar Português. Porém, é graças ao curso realizado na AA e dos conhecimentos adquiridos na qualidade de funcionário público ao

serviço dos Gabinetes de Urbanização do Ultramar, que Luís Possolo irá também conseguir as maiores encomendas do seu *curriculum*:

- O belo conjunto arquitetónico que acompanha a Barragem de Cambambe, nas margens do rio Cuanza, edificados no final da década de cinquenta e começo da de sessenta. Esta infra-estrutura, que se revelou fundamental na produção e fornecimento de energia elétrica à região metropolitana de Luanda e vital para a sua Indústria, é ainda hoje a maior barragem em Angola, e o grupo de edifícios projetado por Possolo parece achar-se em excelente estado de conservação;
- O restaurante/clube de praia da Barracuda, na Ilha de Luanda, que foi durante as décadas de sessenta e setenta um epicentro da vida social da capital angolana, mas que foi destruído nos anos que se seguiram à independência de Angola.
- E, sobretudo, a Fábrica de Cimentos de Nacala, que ainda hoje é a principal produtora de cimentos da região Norte de Moçambique, e como tal tem um papel tão relevante na modernização e industrialização da nação africana no último meio-século quanto terá tido a barragem de Cambambe para o Noroeste de Angola, com epicentro na cidade de Luanda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arquivo Histórico Ultramarino

Mercado de Quelimane. Proc^o 515. Caixa 59 – Moçambique – AHU/DGOPC/DSUH. Acham-se somente disponíveis os projectos de especialidades, estando omisso o projecto de arquitectura.

Igreja Paroquial de Santo António da Polana. Proc^o 559-A. Caixa 15 Moçambique - AHU-DGOPC/DSUH. Data: 1958.

Residência Paroquial de Santo António da Polana. Proc^o 559-B. Caixa 15 Moçambique – AHU-DGOPC/DSUH. Data: memória descritiva 17 de Julho de 1959.

Estação Rádio-Naval. Proc^o 581. Caixa 82 - Moçambique – AHU-DGOPC/DSUH. Data: memória descritiva 11 de Fevereiro de 1959.

Estação Rádio-Naval. Proc^o 581. Rolo 122 - Moçambique – AHU-DGOPC/DSUH, com desenhos originais em lápis sobre papel vegetal.

Estação Rádio-Naval. Central Eléctrica. Proc^o 581-A. Rolo 151 - Angola – AHU-DGOPC/DSUH, com desenhos originais em lápis sobre papel vegetal.

Estação Rádio-Naval. Central Eléctrica. Proc^o 581-A. Caixa 119 - Angola – AHU-DGOPC/DSUH. Data: memória descritiva de 26 de Julho de 1960.

Outras Fontes Primárias

POSSOLO, Luís P. [1959/1960?]. Curriculum Vitae - rascunho. 5 págs. manuscritas. Espólio particular de Luís Possolo na posse da família.

POSSOLO, Luís P. Maio de 1955. Relatório [sobre a frequência do curso de arquitectura tropical, remetido ao Subsecretário de Estado do Ultramar]. Lisboa, 8 págs. dactilografadas. Espólio particular de Luís Possolo na posse da família.

Bibliografia

ATKINSON, G.A. 1954. "Tropical Architecture and Building Standards", in: FOYLE, A.M. (ed.), *Conference on Tropical Architecture (1953)*. London. George Allen and Unwin.

MILHEIRO, Ana Vaz. 2012. *Nos Trópicos sem Le Corbusier*. Lisboa. Relógio d'Água.

MOREIRA, Adriano. 2009. *A Espuma do Tempo*. Coimbra. Edições Almedina.

SALDANHA, José Luís Possolo de. 2012. *Luís Possolo, um arquitecto do Gabinete de Urbanização do Ultramar*. Lisboa. Centro de Investigação em Arquitectura e Áreas Metropolitanas (CIAAM).

SPENCE, J. McKay. "The New Role of the Architect in the Tropics". *Architectural Association Journal*. Julho/Agosto de 1955. Pp. 56-61.

VON OSTERN, M.; KARAKAYALI, S.; AVERMAETE, T. 2010. "Colonial Modern," in: AVERMAETE, T. (ed.) et alli, *Colonial Modern. Aesthetics of the Past, Rebellions for the Future*. London. Black Dog Publishing.